

Capixabas fogem da seca e procuram a Amazônia

migrações

A corrente migratória surgiu com a erradicação dos cafezais na década de 60, levando mais de 200 mil capixabas para a Amazônia. As lavouras deram lugar às pastarias e ao desemprego

A seca voltou a produzir um novo êxodo rural na região Norte do Estado: a população do município de Montanha baixou de 25 mil para 19 mil e a de Nova Venécia, de 62 mil para 46 mil. Embora corretas a princípio, essas informações, coletadas pela ambientalista Cristina Maria Alves Valdino, excluem os demais 25 municípios da região. De acordo com líderes rurais e religiosos do Norte do Estado, o êxodo é muito maior e as correntes migratórias têm como destino Rondônia e outras regiões da Amazônia.

A nova marcha para a Amazônia levou o bispo de São Mateus, D. Aldo Gerna, a se assustar com a constante substituição da pequena propriedade pela grande, o que, na sua opinião, é um dos fortes fatores de esvaziamento da região. E tem lá suas dúvidas se os projetos que vierem a ser implantados na região pela Sudene não terão também a mesma característica dos demais, ou seja, em vez de contribuir para criação de empregos, promover sua redução. "Quando cheguei aqui, no final da década de 50, 70% da população estavam no interior e 30% nas cidades. De lá para cá houve uma inversão desse percentual, até porque surgiu a figura do bóia-fria, que habita a periferia pobre das nossas cidades", diz.

Nessa linha de preocupação do bispo, estão outras lideranças, que acham que o povo da região migra com mais facilidade por conhecer desde 1962, quando o governo federal promoveu a erradicação dos cafezais, um caminho de fuga que é a Amazônia. Nos dez anos seguintes, só para Rondônia transferiram-se 200 mil capixabas. Hoje, não há uma única família no Norte do Estado que não tenha ramificações em Rondônia ou em outra região qualquer da Amazônia. Daí a existência de linhas regulares de ônibus entre as principais cidades do Norte capixaba e aquele Estado.

Café

A erradicação dos cafezais, que inaugurou a corrente migratória capixaba para a Amazônia,



Fuga

Impelidos pela seca que continua a castigar a Região Norte do Estado, lavradores e meeiros vêm, nos Estados da Amazônia, a chance de uma vida melhor, longe do desemprego e da falta de perspectiva existentes aqui

regiões. As pequenas propriedades deram lugar às grandes, em face do êxodo rural. Por fim, o Tribunal de Contas recomendou a extinção do município por inviabilidade econômica".

Na região de São Mateus e Conceição da Barra, as empresas reflorestadoras de eucaliptos e as destilarias de álcool deram também sua contribuição ao êxodo. Além de adquirirem terras ocupadas com pastagens, desalojaram pequenos proprietários rurais que produziam, sobretudo, farinha de mandioca. A presença dessas empresas na região, com a conseqüente extinção dos minifúndios, acabou transformando a mão-de-obra permanente do campo, constituída por meeiros e trabalhadores fixos, em mão-de-obra eventual. Instituíram o mercado de trabalho do bóia-fria.

De fato, o desemprego predomina na região e tem duas origens que se combinam perversamente, para deixar indignado o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Atividade de Extração de Madeira e Lenha do Norte do Estado (Sintral), Antônio Pereira Soares. "A Aracruz Celulose, por exemplo, tem novas máquinas de corte que substituem cada uma 100 motoserristas na extração de eucaliptos. Antes delas, a Aracruz tinha 500 operadores e 500 ajudantes. Agora, tem somente 100. Trocaram mil trabalhadores por 100", diz Soares.

Por causa disso foram fechadas algumas empresas fornecedoras de mão-de-obra para a Aracruz, como a Cavalinho e a Cortec. As que continuam em atividade reduziram substancialmente seu quadro de pessoal e a própria Aracruz, que já chegou a oferecer 2.200 empregos diretos, hoje tem não mais do que 240 trabalhadores contratados. A retração no mercado de trabalho influiu diretamente no sindicato: antes ele tinha 2.500 associados, hoje conta com apenas 550.

No entanto, se por um lado a Aracruz reduziu os empregos na região, por outro proporcionou a abertura de um mercado de trabalho alternativo. Isso aconteceu depois que ela se dispôs a doar galhos, raízes e pontas dos euca-

Café

A erradicação dos cafezais, que inaugurou a corrente migratória capixaba para a Amazônia, também representou na região Norte um dos principais desastres ecológicos. Contribuiu para o aumento da pecuária, pois em seu lugar surgiram novas pastagens. O saldo foi trágico: mais de 300 mil pessoas abandonaram as atividades agrícolas no interior do Estado, sendo que 100 mil vieram engrossar o cinturão de pobreza da Grande Vitória. As demais, de acordo com o Instituto Jones dos Santos Neves, seguiram para novas regiões no Norte do

Fuga

País, principalmente Rondônia.

O programa de erradicação foi implantado de junho de 1962 a maio de 1967, reduzindo os cafezais do Estado em 52%. Aproximadamente 34% dos cortes registraram-se no Norte do Estado. Pelos dados do Instituto Jones dos Santos Neves, foram erradicados 1,4 bilhão de pés de café, liberando uma área 1,5 milhão de hectares (80% no Norte).

O ex-governador Cristiano Dias Lopes Filho, em cujo gover-

Impelidos pela seca que continua a castigar a Região Norte do Estado, lavradores e meeiros vêm, nos Estados da Amazônia, a chance de uma vida melhor, longe do desemprego e da falta de perspectiva existentes aqui

no ocorreu a última etapa da erradicação dos cafezais, contesta as estatísticas oficiais. Para ele, este número de 1,4 bilhão de pés de café está superestimado. Acredita que os números são outros porque houve "muita esperteza" no campo. Erradicava-se um pé e computava-se três. O IBC pagava muito bem, segundo ele, pelo pé de café erradicado. Por isso, valia a pena cortá-lo. Pelos seus cálculos, o corte não foi além de 300 milhões de pés. O ex-governador

não está longe da realidade, pois em Barra de São Francisco o empresário Levy Lima lembra que, levadas em consideração as estatísticas do Governo, a área de café erradicada em seu município corresponderia a quatro vezes o seu território.

A verdade é que a partir desse episódio a região Norte, com uma economia baseada tradicionalmente no café, desorientou-se do ponto-de-vista agrícola e da ocupação do solo. Para muitos

proprietários foi mais fácil substituir as lavouras de café pelas pastagens. "O meu município virou uma fazenda só de gado, lembra o ex-prefeito de Boa Esperança, Amaro Covre. Nossa economia reduziu-se efetivamente a 18 mil cabeças de gado, que ocupavam 90% área do município. Na cidade, sobraram apenas três lojinhas, um bar e um posto farmacêutico. Saiam daqui de 10 a 12 caminhões de migrantes por mês, levando famílias para outras

balho alternativo. Isso aconteceu depois que ela se dispôs a doar galhos, raízes e pontas dos eucaliptos derrubados. Essa decisão foi acompanhada por outras empresas como a Floresta Rio Doce e a Bahia Sul. Com as sobras, surgiram fornos de carvão na periferia dos seus eucaliptais. A produção de carvão cresceu de tal modo, que hoje existem até intermediários para comercializá-lo. Eles vão diretamente ao produtor e revendem para bares, restaurantes e, principalmente, churrasqueiras, abastecendo também os mercados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.



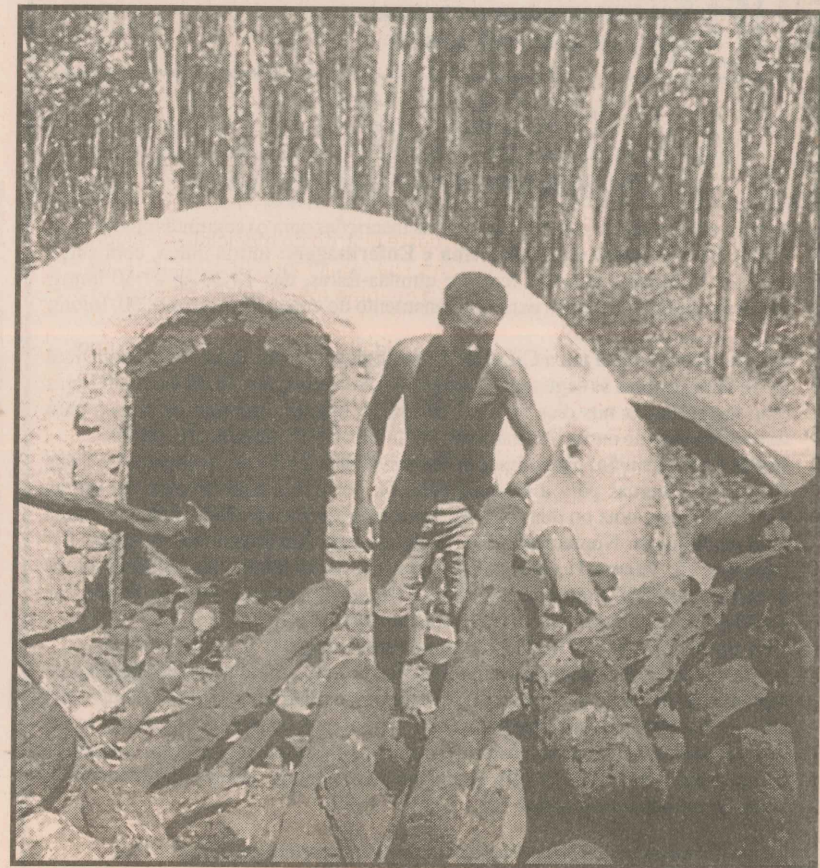
Recurso

Sem trabalho no campo e sem condições de produzir qualquer coisa na terra esturrada, os lavradores se transformam em bóias-frias das grandes empresas

SOLUÇÃO

Carvoaria: perigo para a saúde

Para o presidente do Sintral, a carvoaria tornou-se quase que a principal atividade em municípios no Norte do Estado, como São Mateus e Conceição da Barra, porque ela envolveu não só o trabalhador rural mas, principalmente, o pequeno proprietário rural. "Foi uma saída que ele encontrou para contornar a seca. Além da atividade não precisar de água, tem uma comercialização ativa. Eu sei que é uma atividade bárbara, mas fazer o que?" - indaga Soares. Ele mesmo se encarrega de responder: "O nosso esforço é o de manter o trabalhador em atividade, mesmo de maneira bastante sacrificada. Ele tem de trabalhar na frente de um forno, sem capacete protetor e muito menos uma calça, porque o calor é demais. Ele não aguenta nada no corpo, a não ser um simples calção ou bermuda. Em termos de remuneração é legal, mas a verdade é que não existem carvoeiros com boa saúde. Eles estão sempre doentes".



Opção

Mesmo sabendo dos riscos, o lavrador tem que se submeter ao trabalho nas carvoarias